

Manuscritica Revista de Crítica Genética
São Paulo, n. 25 • 2013

Poesia: o Texto em Movimento

Conselho Editorial

Almuth Grésillon, Institute des texts e manuscrits modernes – CNRS
Alicia Duhá Lose, Universidade Federal da Bahia
Aparecido José Cirillo, Universidade Federal do Espírito Santo
Carla Cavalcanti e Silva, Universidade Estadual Paulista, Assis
Cecília Almeida Salles, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Claudia Amigo Pino, Universidade de São Paulo
Elida Lois, Universidad Nacional de San Martín – Argentina
Erica Durante, Université Catholique de Leuven la Neuve – Bélgica
Irène Fenoglio, Institute des texts e manuscrits modernes - CNRS
Isabel Cristina Farias Lima, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Josette Monzani, Universidade Federal de São Carlos
Márcia Ivana Lima e Silva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Marcos Antonio de Moraes, IEB - Universidade de São Paulo
Maria Eunice Moreira, DELFOS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Marie-Hélène Paret Passos, DELFOS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Marlene Gomes Mendes, Universidade Federal Fluminense
Miguel Rettenmaier, Universidade de Passo Fundo
Noêmia Guimrães Soares, Universidade Federal de Santa Catarina
Philippe Willemart, Universidade de São Paulo
Raúl Antelo, Universidade Federal de Santa Catarina
Roberto de Oliveira Brandão, Universidade de São Paulo
Rosa Borges, Universidade Federal da Bahia
Rosie Mehoudar, Universidade de São Paulo
Sergio Romanelli, Universidade Federal de Santa Catarina – Presidente da APCG
Sílvia Maria Guerra Anastácio, Universidade Federal da Bahia
Telê Ancona Lopez, IEB – Universidade de São Paulo
Veronica Galindez Jorge, Universidade de São Paulo
Yêdda Dias Lima, IEB – Universidade de São Paulo

DIAGRAMAÇÃO

Priscila Pesce L. de Oliveira

ILUSTRAÇÕES

Capa

Priscila Pesce L. de Oliveira
a partir de fotografia gentilmente cedida
pelo poeta Sérgio Vaz.

REVISÃO

Alicia Duhá Lose

REVISÃO DO INGLÊS

William Franklin Lourenço Hanes

Manuscritica é uma publicação da
Associação de Pesquisadores
em Crítica Genética (APCG) e da
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Literários e Tradutológicos em Francês
Universidade de São Paulo
com o apoio da Capes

DIRETORIA APCG

Sergio Romanelli - Presidente
Márcia Ivana de Lima e Silva
Isabel Cristina Faria Lima
Alicia Duhá Lose
Noêmia G. Soares

EDITORES DESTE NÚMERO

Miguel Rettenmaier
Sergio Romanelli

EQUIPE EDITORIAL

Adriano Mafra
Aline Novais de Almeida
Claudia Amigo Pino
Mônica Gama
Sergio Romanelli
e-mail: manuscritica@gmail.com

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Programa de pós-graduação em
Estudos Linguísticos, Literários e
Tradutológicos em Francês

Coordenadora

Véronique Dahlet

Vice-coordenadora

Verónica Galíndez-Jorge

ISSN 1415-4498

PROJETO GRÁFICO

Priscila Pesce L. de Oliveira

Editorial

É preciso escrever um poema várias vezes
para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez.

Mário Quintana

Este número da Revista *Manuscritica*, intitulado “Poesia: o texto em movimento”, apresenta textos que dialogam ou trabalham diretamente com a crítica genética, com a criação poética ou com a análise de documentos de processo nas mais diversas linguagens poéticas: da literatura até às artes.

A construção do texto poético é um rito que pode surgir do silêncio e da solidão, mas pode brotar do tumulto das coisas da vida, ampliado por força de toda uma multiplicidade de ruídos e expressões. O que se sabe é que, na lírica, música é remanescente, algo mobilizado por uma “linguagem que se comunica sem palavras” (Staiger, 1975, p. 23). Mas há a necessidade de dizer e de cantar. O poetar é involuntário e “desabrocha inteiramente da quietude de uma vida solitária” (Staiger, 1975, p. 48), por uma voz que, como escreve Ferreira Gullar (1983, p. 395), “Não é voz de passarinho / Flauta do mato / Viola”, é voz de gente, na varanda, na janela, na saudade, na prisão. O poema, então, é “fogo logro solidão” (Gullar, 1983, p. 395). Nessa solidão, há os escuros escondidos dentro de quem canta.

As referências da poética staigeriana não comparam, mas aproximam os diferentes gêneros literários ao que são em essência. A épica vive na felicidade de estar sob a luz; a existência lírica desconhece o “pavor do escuro, ou da morte, enfim, do fechar dos olhos” (Staiger, 1975, p. 87). De um lado, a palavra que narra e apresenta; de outro, a lira sob um mesmo tipo de luz, que cintila um resplendor que se confunde com a obscuridade. Sob essa pouca luz, o eu que escreve o faz, assim, “antes do nome”, vivendo o “esplêndido caos que emerge da sintaxe”, visitando os “sítios escuros” onde nascem as palavras: “A palavra é disfarce de uma coisa grave, surda-muda / Foi inventada para ser calada.” (Prado, 1999, p. 22).

Para Bakhtin, a poesia, está fora do uso comum, fora da História. Ela por si só se satisfaz como uma única voz: “A polissemia do símbolo poético pressupõe a unidade e a identidade da voz consigo mesma, e a sua total solidão no discurso” (Bakhtin, 1988, p. 130). Porém, mesmo que se queira o poema como monológico e puro, mesmo que se pense a poesia centrada sobre um “mundo virgem”, como “uma linguagem dos deuses”, o poeta sabe, enquanto se indaga onde ela está, que a poesia “vai à esquina comprar jornal”. Na lírica há essas “sujeiras” do eu, dos seus pensamentos, daquilo que foi posto em palavra depois de sentido, ou posto no esquecimento mesmo depois de escrito. Dessas “sujeiras” não há como reconhecer as distinções. Quando se estuda a escrita de quem cria, os gêneros se contaminam mutuamente, se refletem em refrações inexplicáveis e imprecisas. A análise genética tem em si a riqueza de estar livre das amarras do que se quer e do que se diz definitivo. Nesse sentido, o geneticista é alguém que se confronta com o texto em movimento. A gênese artística transgride a delimitação dos gêneros e das categorias. Há uma diversidade de ideias, fantasmas, representações agindo sobre o texto em movimento, em estado de criação. Por isso, pensar onde está a poesia significa saber que ela pode vir de todos os pontos agudos da vida.

Neste número temático da Revista *Manuscritica*, “Poesia: o texto em movimento”, os autores discutem então o processo criativo em torno do texto poético, em seu nascedouro, que pode ser tanto o indizível e o silencioso, quanto o tumultuado e o sujo, de onde talvez surjam fontes imprevistas de poesia, textos inimagináveis que rolam por esquinas e jornais.

Abre o número o «Fac-símile» organizado por Miguel Rettenmaier com a imagem de um detalhe do manuscrito de *A invenção da liberdade*, deixado por Josué Guimarães em um caderno de anotações – ALJOG/UPF 04.a.0001(46b) – pertencente ao ALJOG, sob a guarda da Universidade de Passo Fundo.

A seguir, na seção “Ateliê”, Gustavo Henrique Rückert aborda, no seu artigo intitulado “Um passo para frente e outro para trás: o “Bailado”, de Sá-Carneiro” o poema “Bailado”, escrito por Mário de Sá-Carneiro e enviado por meio de carta a Fernando Pessoa. Para analisar o poema, o autor se fundamenta na correspondência entre os dois poetas. Ainda correspondência no segundo artigo intitulado “Metafísica e poética na correspondência de João Guimarães Rosa com seus tradutores” de autoria de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. Neste caso, a poética de Guimarães Rosa é reconstituída a partir da correspondência que o autor manteve com seus tradutores. No artigo “‘O Aviador e a Florista’: intersecções entre o crítico de poesia e o professor Mário de Andrade”, Ricardo Gaiotto de Moraes, a partir da coluna mantida por Mário De Andrade entre 1939 e 1940 no *Diário de Notícias*, desenvolve um instigante percurso de reconstituição do papel de crítico literário e teórico da criação artística do autor brasileiro. Como no artigo anterior, no texto de Márcio Araújo de Melo e Estela Campos de Oliveira, “A poesia, o absoluto e o labor artesanal”, também temos a possibilidade de ler sobre o processo de criação do poeta, mas do ponto de vista de duas modalidades possíveis e opostas: a do labor “consciente” de Valéry ou Cabral e a “inconsciente” de Bandeira. A dicotomia racionalidade e irracionalidade do processo criativo de poesia e a relação do sujeito com o imaginário transcendente são os argumentos discutidos no artigo intitulado «Anotações em torno de razão e poesia» de Darío Gómez Sánchez. Em “O processo criativo segundo Graciliano Ramos”, Maiquel Röhrig apresenta o processo de criação das obras de Graciliano Ramos a partir de suas próprias palavras – considerando sua ficção, ficção infanto-juvenil e memórias. Poesia e tradução são ainda o objeto de estudo de Romeu Porto Daros que, no seu artigo “Poesia em tradução: os momentos do processo criativo em Dom Pedro II na tradução da *Divina Comédia*”, nos abre as portas para o peculiar e inédito processo criativo do imperador Dom Pedro II nas suas traduções da poesia de Dante Alighieri. Em outro artigo desta seção, “Poemas para ouvir: Uma interpretação dos *Cadernos de Estudos* para a obra de Guimarães Rosa”, Camila Rodrigues a partir dos *Cadernos* e *Cadernetas* rosianos nos mostra o valor poético do processo escritural neles contido e novas perspectivas da obra rosiana: como as relações com a cultura popular e a perspectiva infantil. O processo criativo poético-filmico é o objeto de estudo do artigo de Gabriel Ferreira Zacarias, “Guy Debord e a poesia de *In girum imus nocte et consumimur igni*”. Na sua análise, Zacarias nos ilustra uma documentação manuscrita inédita conservada no Fundo Guy Debord da Biblioteca Nacional da França, mostrando como Debord, através da prática do desvio (*détournement*), se apropria de textos poéticos vários. No artigo sucessivo voltamos à biblioteca do escritor e à sua importância para o desvendamento dos processos de criação, neste caso, poéticos, mas também críticos. De fato, em “Leituras de um poeta-aprendiz”, Ligia Rivello Baranda Kimori analisa as anotações da leitura de Mário de Andrade em obras dos parnasianos brasileiros, conservadas em suas estantes. Roberto Mário Schramm Jr., por sua vez, no artigo intitulado “Cesária Operação: rasuras de Ezra Pound e a gênese crítica da *Terra Estéril*” discute a grafo crítica atuada por Pound nos manuscritos de Eliot e a denomina de crítica literária *in loco*. Esta seção especial do nosso número voltada à poesia, conta também com o artigo “A poesia fantástica de H. P. Lovecraft: uma análise comparativa do poema Os Fungos de Yuggoth e o manuscrito ‘O livro’” de autoria de Daniel Iturvides Dutra; no seu artigo, Dutra aborda de forma instigante a relação entre os três primeiros sonetos do poema

“Os Fungos de Yuggoth” (1929 – 1930) de H. P. Lovecraft e o manuscrito “O Livro” (1938), conto inacabado do autor. Em “Suspensión en el cielo: cosmografía de una escritura poética. Suspensão no céu: cosmografia de uma escrita poética”, María Eugenia Rasic nos propõe uma análise dos manuscritos do poeta Arturo Carrera referentes ao seu segundo trabalho editado *Momento de simetría* (1973). No artigo que encerra a seção “Atelié”, “Da criança ao sábio nas versões de “*Las de l’amer repos*”, de Mallarmé”, Rosie Mehoudar analisa o poema “*Las de l’amer repos*”, comparando a primeira versão, de 1864, intitulada “*Lassitude*”, e a segunda, intitulada “*Epilogue*”, de 1866, ano em que, durante a composição de “*Hérodiade*”, Mallarmé teria tido uma experiência aguda do vazio, determinante nos rumos da sua obra.

Na seção “Incipit”, apresentamos ao leitor três artigos que abordam diferentes aspectos do processo criativo e testemunham a amplitude dos estudos de processo hoje no Brasil. No primeiro, Sílvia Maria Guerra Anastácio e Sirlene Ribeiro Góes nos apresentam a pesquisa pioneira por elas desenvolvidas no âmbito da crítica genética aplicada à legendagem fílmica. No caso específico, nos ilustram o processo de criação das legendas do filme *Raccoon & Crawfish* (2007). No segundo artigo desta seção, “*Le temps retrouvé*: as variantes nas edições de um manuscrito publicado”, Henriete Karam aborda a tipologia das variantes textuais obtidas no cotejamento das edições de *Le temps retrouvé* publicadas pela Gallimard em 1927 e 1989. Finalmente, o artigo de Patrícia Pereira, ““Querido, querido amigo meu”: a história de um fecundo pacto epistolar do século XIX”, trata do peculiar e fascinante processo de criação do compositor Piotr Ilitch Tchaikovski. A reconstituição do processo é feita utilizando as cartas que o compositor trocou com Nadejda von Meck, sua mecenas.

Enriquece ainda esta edição a importante tradução do texto de Francis Ponge, *A Fábrica do Pré-Prado*, realizada por Ignacio Antonio Neis, Michel Peterson, com a colaboração de Ricardo Iuri Canko.

Completam o número 25 de nossa revista: a resenha “O diário de viagem de Guimarães Rosa: movimento e voo das palavras nas notas de 1952” de Mônica Gama; a interessante entrevista com o poeta Sérgio Vaz (que nos cedeu também uma sua imagem para a capa deste número e que agradecemos muito) realizada por Aline Novais de Almeida e o “Passado a limpo”, nosso relato semestral dos eventos, defesas e publicações na área da crítica genética no Brasil.

Esperamos possam aproveitar deste rico número da *Manuscritica* e, esperando que a leitura gere estímulos férteis para possíveis artigos, lembramos que está aberta a chamada para o próximo número.

Atenciosamente,
Miguel Rettenmaier
Sergio Romanelli
Editores

Referências

- STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: HUCITEC, UNESP, 1988.
GULLAR, Ferreira. *Toda poesia (1950-1980)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1999.